

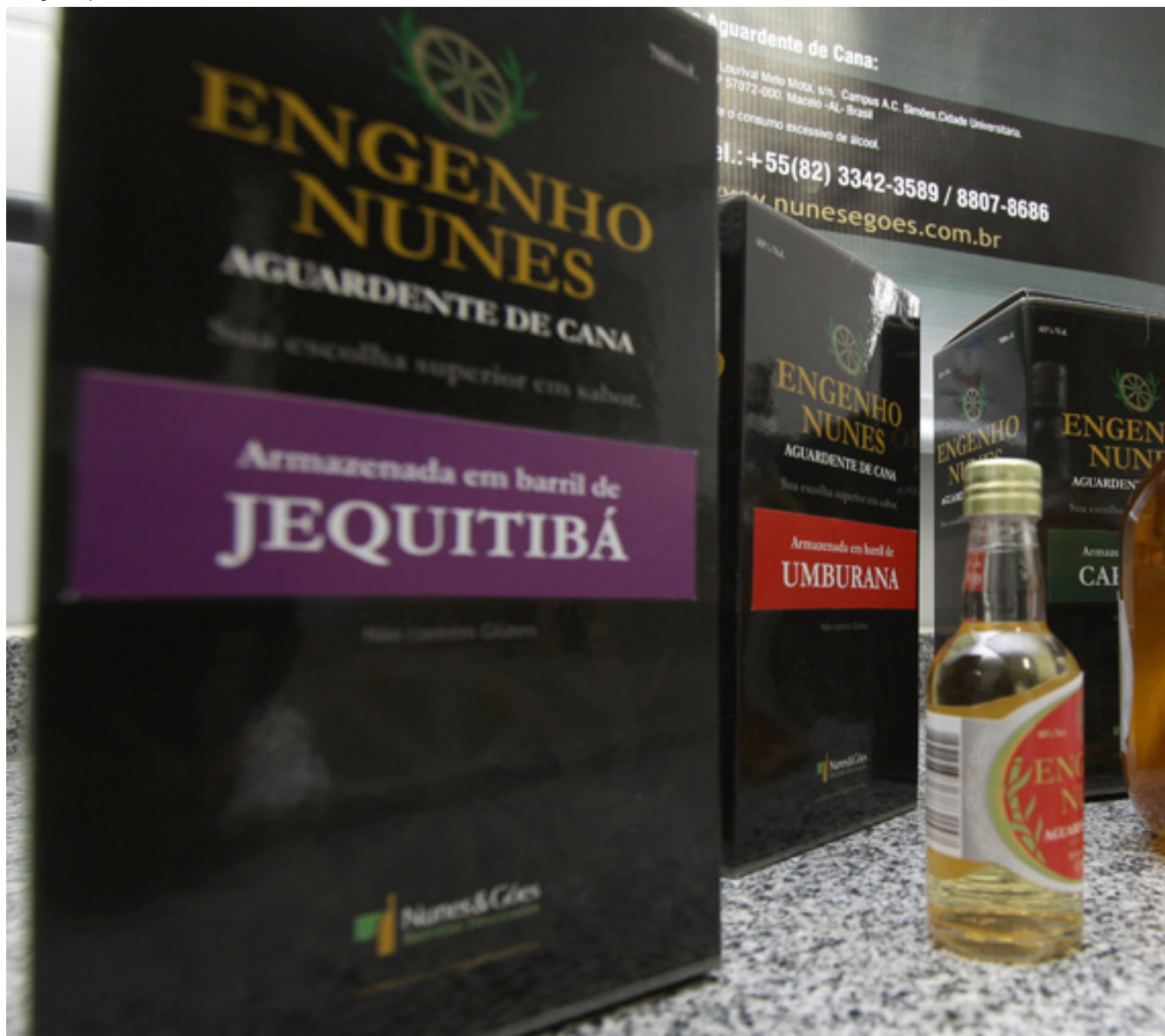


Engenho Nunes produz cachaça com padrão científico

Idealizado por engenheiro químico, alambique se prepara para entrar no mercado

Lucas Lisboa

Thiago Sampaio



Cachaça Engenho Nunes, produzida no Centro de Tecnologia da Ufal, tem alto padrão de qualidade

mica da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) João Nunes decidiu, em 2008, investir seus anos de experiências e estudos sobre a cana-de-açúcar e seus derivados, na fabricação de cachaça em alambique. Vinculado à Incubadora de Empresas de Alagoas e com o apoio da Ufal, o professor idealizou e criou o Engenho Nunes, que, através do conhecimento científico, produz cachaça de qualidade em Alagoas.

O alambique está instalado na Unidade Experimental de Produção de Derivados de cana-de-açúcar, no Centro de Tecnologia (Ctec) da Ufal, e conta com três alunos do curso de engenharia química e dois de pós-graduação da universidade, supervisionados pelo professor João Nunes. Os universitários participam de todo o processo de produção, realizando experiências que dão origem à cachaça Engenho Nunes.

Semanalmente, a cachaça passa por uma análise detalhada feita em um laboratório instalado no alambique, que testa a qualidade do produto. Após a verificação, a cachaça é armazenada em barris de diferentes tamanhos e tipos de madeira, que diferenciam o sabor do produto.

O professor destaca o trabalho realizado pelos alunos no alambique. Para ele, o fato de a cachaça Engenho Nunes ser produzida em um ambiente de estudos científicos, com a participação de jovens que desejam aprimorar seus conhecimentos, reflete na qualidade do produto final.

“Nossa cachaça é feita por acadêmicos que conhecem do assunto. Vários alunos do curso de engenharia química se mostram interessados em participar e damos essa oportunidade para alguns. Aqui a cachaça é vista como um produto e também como um objeto de estudo que necessita seguir um padrão de qualidade. Esse é o nosso diferencial”, explica.

Atualmente, o alambique Engenho Nunes conta com um estoque de dezenas de barris com cachaça pronta para o consumo. A produção mensal totaliza aproximadamente seis mil litros que dão origem às cachaças envelhecidas em carvalho, jatobá, umburana, castanheira e jequitibá.

O produto ainda não conta com o selo de Inscrição de Propriedade Industrial (IPI), que autoriza a comercialização da cachaça em grande escala. A expectativa do professor João Nunes é que nos próximos meses de 2010, a cachaça Engenho Nunes esteja presente nos principais supermercados e lojas especializadas em Alagoas, exportando também para outros estados do país.

A bebida, comercializada informalmente em alguns bares e restaurantes de Maceió e na Feirinha do Artesanato, na praia de Pajuçara, já desperta o interesse de pessoas que tiveram a oportunidade de apreciar o produto.

O professor explica que já levou o produto para outros estados, onde tem recebido boa aceitação. Ele defende o mesmo pensamento dos demais produtores de cachaça em Alagoas, que esperam maior reconhecimento por parte dos alagoanos, valorizando o produto da terra.

“As pessoas se surpreendem com a qualidade da cachaça produzida em Alagoas. Estive recentemente no interior da Bahia e

um empresário imediatamente se interessou pelo produto. O povo alagoano precisa ter conhecimento de que a cachaça feita nos principais alambiques do Estado não fica atrás de outros de grandes centros produtores do país. A valorização deve ter início aqui, para que esse pensamento possa se expandir”, complementa.

João Nunes representa a empresa na Associação dos Produtores de Cachaça de Alambique e Derivados da Cana de Açúcar de Alagoas (Aprocal), entidade formada para conquistar ferramentas e discutir ideias que possibilitem o crescimento do setor em Alagoas. Além da Engenho Nunes, a Aprocal é representada pelos produtores das cachaças Gogó da Ema, Cachaça JG, Gameleira, Brejo dos Bois e Cachaças das Alagoas.

Para o professor, é fundamental o apoio que os associados vêm recebendo do governo do Estado, através da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico, Energia e Logística (Sedec), do Sebrae e da Federação das Indústrias para o fomento da produção de cachaça no Estado. “O apoio de entidades interessadas em promover o desenvolvimento dessa categoria é primordial nesse processo. Precisamos unir forças em prol de um setor que pode crescer muito e oferecer grandes benefícios para o mercado alagoano”, explica.

“Alagoas precisa começar a figurar entre os grandes centros produtores de cachaça. Capacidade para isso nós temos”, assegura o professor João Nunes.